

Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>Defesa da paisagem, educação pela paisagem, por Francisco José Veiga</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/12/22	<b>JORNAL DE NOTÍCIAS – ESPECIAL</b>	Pág.57	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Sem periodicidade</b>	Inv.: <b>3990.00</b>



**Francisco José Viegas**

escritor

## Defesa da paisagem, educação pela paisagem

Um dos mais notáveis criadores de vinhos do Douro, Nicolau de Almeida, dizia muito apropriadamente que era mais fácil alguém pôr-se a caminho de Angola do que chegar ao Vale Meão, no Pocinho. Ele tinha razão se partisse do Porto pela estrada ou se fizesse a viagem de Lisboa, de comboio. Muitos anos depois, continua cheio de razão embora seja mais fácil chegar à curva que o Douro faz nas Cortes da Veiga (as Frieiras e os Choupas) antes de tomar a estrada de terra que leva à Quinta do Vale Meão. Seria absurdo que demorasse o mesmo tempo, mesmo depois do quase encerramento da ferrovia no Douro Superior. Mas o deserto tem avançado pelo Douro, vindo de todos os lados – e nenhuma comemoração mascaram o efeito triste que isto tem.

O pior discurso, nesta matéria, é o da queixinha sobre o estado das coisas. O “estado das coisas” chegou a este ponto porque era inevitável que assim fosse, mas não vale a pena alimentá-lo com, ainda que justificados, malabarismos reivindicativos. Mesmo assim, causa impressão que uma região com recursos notáveis, com uma paisagem das mais ricas do nosso país, com uma vasta história de criação de riqueza, esteja mergulhada numa depressão quase endémica e nunca tenha podido emergir do grau de pobreza e de fragilidade em que se encontra. Para sermos mais claros, e para que na tradução não se perca grande coisa, abreviemos: o vinho do Porto, o vinho do Douro, a actividade económica central na região, não criaram riqueza suficiente que pudesse evitar o panorama actual. Do ponto de vista social, é uma injustiça tremenda. Do ponto de vista político, trata-se de uma cegueira monumental. Do ponto de vista histórico, trata-se de uma inabilidade total que ainda estamos a tempo de remediar.

Lamento, no entanto, dizer que essa responsabilidade não cabe na sua maior parte ao Estado. O Estado não tem as suas mãos limpas na matéria e, quando se encarrega destas matérias, a sua máquina está demasiado envilecida por compromissos políticos indígenas; o papel mais impor-

tante cabe não apenas aos locais mas também à rede de oportunidades que o Douro puder criar e que, para sobreviver, terá de criar. Vinho, rio, turismo de alta qualidade, paisagem – são alguns dos elementos que podem contribuir para a recuperação do tempo perdido. E essa “rede de oportunidades” terá de estar aberta – eu diria: escancarada – para gente de fora, para estranhos que queiram fixar-se na região e transportar consigo massa crítica, criatividade e energia para valorizar e reocupar o território.

Conheço, perto ou longe do rio, demasiadas aldeias abandonadas ou onde os serviços essenciais (escolas, correios, assistência médica, etc) são suspensos por falta de gente. Conheço, nos vales mais recônditos, quilómetros e quilómetros de paisagem que são o sustento (gratuito) de uma provável indústria turística de grande qualidade, trabalhada em acordo com o ambiente, a natureza e a comunidade. São as duas faces da mesma moeda, mas sei que o proteccionismo absoluto não traz riqueza para a região, nem poder reivindicativo.

Gostaria de prever um futuro optimista para o meu Douro e para as mulheres e homens da minha terra. A história deve-lhes isso, pelo muito que contribuíram para a valorização do país e do grande património do Vinho do Porto e do Vinho do Douro.

Outra questão que tem de colocar-se, custe o que custar, é a da degradação da paisagem, que tem de travar-se urgentemente. O Douro e as suas autarquias devem ser responsabilizados pelo incumprimento das obrigações que decorrem da declaração do Vale como Património da Humanidade.

Provavelmente, será preciso criar algumas regras adicionais para o sector da construção e da urbanização – mas será preciso, sobretudo, promover a ideia da defesa da paisagem, da educação pela paisagem e pela participação na valorização do património. Essa é a verdadeira riqueza do futuro do Douro. Para que deixe de ser apenas a maravilhosa “ilha de xisto” (é o título do livro de Manuel Carvalho, um dos melhores guias da região) e passe a ser, para cada um dos que um dia amaram estes lugares, o centro do mundo.

**Para cada um dos  
que um dia amaram  
estes lugares o  
Douro tem que  
passar a ser  
o centro do mundo**